

RELIGIÃO E INTERNET: COMO PENSARMOS A “RELIGIÃO” HOJE?

RELIGION AND INTERNET: HOW DO WE THINK “RELIGION” NOWADAYS?

Renan Silva Carletti¹

Resumo: Este artigo pretende apontar um panorama geral dos estudos que tratam da relação entre religião e internet. Inicialmente, abordaremos a questão no âmbito geral mesclando autores nacionais e internacionais, traçando um breve histórico da dinâmica entre mídia e religião. Posteriormente, focaremos nas publicações brasileiras e seus enfoques. A partir disso, apontamos para os principais desafios para a área no Brasil indicando como o pluralismo religioso pode ser impulsionado pela presença das religiões na internet.

Palavras-chave: internet; religião; Brasil

Abstract: This article intends to point an overview of studies on the relationship between religion and internet. Initially, we discuss the issue within the general framework merging national and international authors, tracing a brief history of the dynamic between media and religion. Later, we will focus on Brazilian publications and their approaches. From this, we point to the key challenges for the area in Brazil indicating how religious pluralism can be boosted by the presence of religions in internet.

Keywords: internet; religion; Brazil

*“A vela é virtual, mas a fê é real”
Frases divulgada em uma rede social*

INTRODUÇÃO

Para discutirmos a utilização da internet pelas religiões, é necessário darmos um passo para trás. A relação entre as religiões e os meios de comunicação possui um histórico de intensos efeitos em suas práticas e interpretações dos conteúdos praticados pelas religiões. Se no século passado, a interação com os meios de comunicação era pontual no cotidiano – atendia-se ao telefone, ouvia-se o rádio, abria-se uma carta –, atualmente, temos um fenômeno que podemos denominar de midiatização, que reformula esta interação entre sociedade e mídia. O jornal que

¹ Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP). renan002@gmail.com

era entregue toda manhã nas casas, hoje está disponível 24 horas em seu site. As alterações ocorrem na construção de um novo tempo onde “nada” dorme”, em que se pode acessar um site a qualquer momento, ter acesso a informações e possíveis rituais de uma religião.

Nos Estados Unidos, no início de 1950, a entrada das igrejas evangélicas no mercado televisivo abriu portas para as relações entre religião e mídia (HOOVER; ECHCHAIBI, 2012a, p. 2). Ela antevê a presença *on-line* de manifestações religiosas, ressignificando o modo como as religiões se comportarão na pós-modernidade. No Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus foi pioneira nessas ações, afastando-se do protestantismo histórico e fornecendo elementos audiovisuais que inovaram na interação do fiel com os ritos (AGUIAR, 2014a, p. 78). Mais tardiamente, também o catolicismo despertou para importância do fenômeno televisivo.

No entanto, a passagem da televisão para a internet, não aconteceu de forma aleatória. Para pensarmos esse processo, devemos considerar a interação entre sociedade, mídia e religião como fundamental para entender o fenômeno da “mídiação”. As produções religiosas na internet não ocorreram ao acaso, nem foram completamente determinadas, mas *condicionadas* pelo seu contexto de construção e/ou adaptação aos meios de comunicação e a internet (SBARDELOTTO, 2013a, p. 101).

No caso do catolicismo, no ano de 1963, o Concílio Vaticano II aprovou o Decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social, em que se incentiva o uso da mídia para a propagação da religião. O site da Santa Sé, órgão máximo do catolicismo, foi lançado em 1995 e muitos outros documentos seguiram discutindo a relação entre a instituição e os meios de comunicação e, mais precisamente, a internet. Com destaque para o documento publicado em 2009 por Bento XVI em que se reconhece a internet como um “continente digital” que deve ser evangelizado (BENTO XVI, 2009a).

Portanto, para pensarmos as religiões, nos dias atuais, é necessário considerar o processo de mídiação, ao qual algumas tiveram que se adaptar e outras já surgiram durante seu curso. De qualquer modo, parece-nos muito difícil uma religião manter-se indiferente a esse processo, que se intensifica em nossa sociedade, em que os meios de comunicação inserem-se em cada fresta das relações humanas.

Nessa mediação cibernética entre o indivíduo e o computador em que se preponderam às sensibilidades individuais na interação religiosa, a característica da religião como um bem pessoal também surge. O conceito de *bricolagem* (HERVIEU-LÉGER, 2008a), que faz menção à montagem de um mosaico em que diferentes peças se unem para formar uma

imagem, ajuda-nos neste momento a compreender este fenômeno. A bricolagem de diferentes crenças passa a integrar o indivíduo religioso na modernidade. Ou seja, toma-se a atitude de unir o que lhe parece útil de cada religião e assim formar seu mosaico particular de crenças.

Os desdobramentos dessa situação resvalam na empreitada terapêutica das religiões, tema muito bem trabalhado pelo sociólogo Philip Rieff (1990) e no Brasil, por Fausto Neto (2004). Ambos notaram como as religiões têm se aproximado de um discurso sobre a saúde mental e sobre o bem-estar. O sofrimento psíquico passa a ser importante referencial e a capacidade de miná-los será o objetivo de alguns discursos religiosos.

Há também o caso de religiões que surgiram na internet e que aos poucos passaram a se institucionalizar. Muitas vezes os sites que abrigam as chamadas “ciber-religiões” são dotados de tom satírico e humorístico ou denotam uma possível superação dos limites humanos pela tecnologia. Por este motivo não são classificadas como fenômeno religioso e por isso receberam esta denominação específica de “ciber-religiões” para serem investigadas; foram estudadas no exterior (HØJSGAARD, 2005a) e há um capítulo de livro sobre o tema em português (AGUIAR, 2014a), mas não existem estudos voltados especificamente a esse tipo de manifestação em sites brasileiros². Neste artigo, não trataremos do caso desses fenômenos, mas julgamos pertinente assinalar os estudos sobre o tema e sua existência.

Antecedente ao fenômeno religião e internet é válido ressaltarmos o processo de modernização como fundamental para a aproximação. A secularização, aqui entendida como a perda do monopólio interpretativo pela igreja católica, foi peça essencial que abriu caminhos para a pluralização das cosmovisões e para emergência do sujeito como parâmetro moral de suas ações (SANCHEZ, 2010a, p. 31). Hoje, a multiplicidade de interpretações das religiões é retificada a cada postagem em um *blog* ou em uma *timeline*. O sujeito pode realizar sua interpretação e divulgá-la aos demais pela internet.

AS RELIGIÕES E A INTERNET

Nos primeiros anos de estudo sobre religião e internet, essa relação era tratada com ares de encantos e surpresa constante. Tudo era novo e o tom que carregava os estudos não era diferente. Acreditava-se que um novo mundo estava sendo fundado ali, naquele instante em que

² O único caso apontado no Brasil é o site “Macumba *On-line*” (<http://macumbaon-line.com>) na dissertação de AGUIAR, C. E. S. (2010a) *A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede*. O site permanece *on-line* até hoje com seguidores e membros ativos.

a religião se encontrava conectada com a rede. Empenhados nesses discursos, estudos falavam da própria rede, esquecendo-se que existiam seres humanos por trás das máquinas. Chegou-se a afirmar que a religião passaria a ser gerada pela própria internet (HØJSGAARD; WARBURG, 2005a, p. 8-9).

No entanto, houve um segundo momento de estudos nessa área quando se procurou reduzir o espectro de pesquisa, voltando-se para uma perspectiva histórica e contextualizada e não mais explorar sobre “religião” e “internet”, mas pesquisar sites e grupos religiosos que se disponibilizavam. A partir de estudos nessa linha, defendeu-se que a internet não é capaz de gerar religião, mas que ela reproduziria elementos que estão presentes fora dela e necessitaria de pessoas para que a religião fosse praticada. Em resposta ao primeiro momento, esse segundo defende que: “A internet não gera religião, somente as pessoas fazem isto... Alega-se deliberadamente que religiões puramente cibernéticas estão sendo produzidas e utilizadas por pessoas que, na verdade, não vivem completamente ‘dentro da tela’” (HØJSGAARD; WARBURG, 2005a, p. 9).

Percebemos que alguns autores optam pela primeira perspectiva, em que a internet é vista como novo “ambiente” (SPADARO, 2012a) que vem sendo “colonizado” pelas religiões. Já na segunda, pela qual vamos optar, percebe-se a internet como um meio de comunicação que carrega suas novidades, mas também seu espelhamento com os anteriores como televisão, rádio, jornal e telefone. Sequência esta que não deve ser percebida como evolucionista ainda que seu ritmo tenha sido de aumentar o volume de informação compartilhado por um número de pessoas cada vez maior e por um custo cada vez menor (AGUIAR, 2014a, p. 29).

Um importante teórico da comunicação que nos auxilia a compreender a internet dessa forma é Marshall McLuhan conforme interpretação feita por Moisés Sbardelotto (MCLUHAN apud SBARDELOTTO, 2013a). Sbardelotto afirma que a internet como meio de comunicação não é uma nova realidade, mas uma extensão da realidade que permite modos diferentes de relação *on-line* e *off-line*. McLuhan compreende que a mensagem está não só no conteúdo, mas, no próprio meio em que ela é propagada. No caso da internet, a própria interação com a tela, teclado e mouse é também uma mensagem (MCLUHAN apud SBARDELOTTO, 2013a, p. 23).

No último século, as religiões têm se utilizado desses meios de comunicação para transmitir seus rituais e crenças (MCLUHAN apud SBARDELOTTO, 2013a, p. 30). Essa relação sempre foi intercambiada pelo acesso de algumas religiões a esses meios e a representação social de cada uma delas para conquista ou não dos espaços midiáticos. Não por acaso temos canais de televisão e rádios controlados por denominações cristãs enquanto as

demais denominações religiosas possuem presença mínima nos meios de comunicação. A internet nos parece também um meio onde é possível subverter a dominação de oferta religiosa.

Apesar de a midiatização incentivar práticas individuais da religião, não podemos tomar o fenômeno das religiões na internet como um fato que comprova totalmente o processo de individualização. Há certo senso de coletividade em alguns sites que se disponibilizam aos usuários. Como no estudo de Sbardelotto em que o autor capta a característica nas velas que são acesas e expostas nos sites com os pedidos para que os demais usuários possam visualizar (SBARDELOTTO, 2013a).

Entendemos que a internet não se trata de outro ambiente, um “ambiente virtual” destacado e independente do ambiente *off-line*, como alguns autores impulsionam essa perspectiva de estudo. Aproximamo-nos de estudos que propõem a internet como um meio de comunicação, ainda que ela tenha promovido mudanças gigantescas em nosso cotidiano, fazendo com que alguns autores a equiparem com a revolução provocada pela invenção da imprensa por Gutenberg (HØJSGAARD; WARBURG, 2005a, p. 2).

Trata-se de acatar uma posição entre a utopia e a distopia endossadas por alguns estudiosos da relação entre religião e internet (HØJSGAARD; WARBURG, 2005a, p. 6). Não consideramos que a internet irá salvar a religião, nem tampouco, destruí-la. Podemos encontrar diversos pontos que facilitam o contato com religiões e outros que dificultam uma organização sistemática das mesmas.

No primeiro caso, encontramos pessoas que tiveram pouco contato com uma determinada religião e que podem buscar material sobre elas em ferramentas de busca na internet e, assim, passaram a ter contato. Alguns rituais aos quais poderiam ter acesso somente caso frequentassem um local físico, passam a ser disponibilizados pela internet, como no caso de orações islâmicas³ ou novenas católicas⁴. Além disso, a internet facilita não só o conhecimento de diversas religiões como de grupos religiosos que têm dificuldades de se encontrar em um espaço físico, como no caso da comunidade wicca no Brasil (OSORIO apud AGUIAR, 2010a, p. 111).

Como pontos que podem complicar o fortalecimento de instituições religiosas, temos os inúmeros debates que acontecem na internet entre adeptos de diferentes denominações. O que tanto pode fortalecer a adesão de alguns, por outro lado, pode provocar questionamentos ou

³ Disponível em: http://www.centroislamico.com.br/viewpage.php?page_id=22 (acessado em: 20/11/2015).

⁴ Disponível em: < http://www.padrereginaldomanzotti.org.br/capela_virtual/novenas_virtuais > (acessado em 10/11/2015).

mesmo o contato com fatos ou notícias que evidenciam entraves na estrutura organizacional de cada religião.

E há ainda pontos que extrapolam o cunho institucional e migram para a relação do indivíduo religioso com a própria rede. Nesse sentido, podemos pensar no desdobramento de notícias que se espalham pela internet e dão grandes proporções a alguns episódios. Houve recentemente o caso dos cartunistas franceses assassinados na sede da revista onde trabalhavam que havia publicado charges sobre Maomé no início de janeiro de 2014. Podemos nos perguntar: teria esse episódio ocorrido não fosse a propagação em massa da charge pela internet em meados de 2011? O episódio também não revela relações entre mídia, religião e internet? As consequências dessa tríade são inúmeras.

No que tange ao caráter ritualístico das religiões, o que se destaca na internet é a capacidade de *interatividade* que ela dispõe ao usuário. Apesar de podermos assistir à televisão, lermos jornal e falarmos com outras pessoas ao telefone, a internet parece congrega essas funções e ainda dar ao indivíduo a capacidade de escolher a rota que quer seguir. O indivíduo trilha seu caminho em um site na rota escolhida pelos cliques. O caminho não é inventado na hora, está pré-determinado pela plataforma *on-line*, mas, o usuário é convidado à interação com os sites se distinguindo da televisão na qual se escolhe um canal e cruzam-se os braços.

Algumas religiões podem adaptar-se mais facilmente a oferecer experiências religiosas *on-line*, como no caso daquelas que possibilitam a realização de rituais sem a necessidade de outras pessoas, por exemplo, no caso de religiões neo-pagãs (DAWNSON, 2012, p. 20). Outras que possuem sabores e odores em seus ritos, como as religiões afro-brasileiras, parecem ser menos favorecidas pelo ambiente asséptico (até o momento) da tela de computador, de um *tablet* ou *smartphone*.

ESTUDOS SOBRE RELIGIÕES E INTERNET NO BRASIL

Traçaremos um breve panorama do que foi publicado no Brasil sobre religiões e internet. Veremos como as publicações são tardias se comparadas aos estudos fora do país e, ainda, como há prevalência da investigação de religiões cristãs e suas relações com a internet. Trata-se, portanto, de uma área nova no Brasil que aos poucos vai afinando os conceitos para aprofundamento do tema.

Alguns estudos têm buscado comprovar a validade da experiência religiosa pela internet (DAWNSON, 2012a; AVELLAR; SILVEIRA, 2014a), mostrando como não existem

contradições entre o Sagrado e a internet. Entretanto, outros tratam da religião em seu aspecto mais amplo, não trabalhando somente uma religião e sua relação com a internet.

O historiador Jorge Miklos também segue a perspectiva fenomenológica. Em *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, Miklos realiza um trabalho amplo sem grande especificidade, trabalhando a perspectiva religiosa por meio de autores como Mircea Eliade e Joseph Campbell. Miklos interpreta o conceito de religião como *religare* e mostra como os meios de comunicação cumprem a função de religação com uma transcendência. Ele analisa os fenômenos de velas e terços virtuais, de maneira mais ampla sem focar e detalhar sites específicos como o trabalho de Sbardelotto.

Poucos estudos foram feitos buscando verificar a presença de religiões não cristãs na internet. Dentre eles temos o de Jungblut, que busca dar um panorama geral de religiões como o espiritismo, afro-brasileiras e esotéricas (JUNGBLUT, 2010a). Temos um escopo maior de pesquisas voltadas para a rol cristão como *Eu e meu mouse serviremos ao Senhor: um olhar antropológico sobre a blogosfera evangélica* (SILVA, 2013a), de Juliana Cintia Lima e Silva, em que a autora estuda *blogs* evangélicos e seus conteúdos.

Já dentro da perspectiva católica temos o livro *O verbo se fez bit*, de Moisés Sbardelotto, que nos fornece um roteiro para investigar sites religiosos na internet. O autor debruçou-se sobre sites católicos e desenvolveu uma metodologia própria para a análise destes e seus conteúdos. Sbardelotto é jornalista e seu trabalho volta-se constantemente para esse escopo teórico, trazendo contribuições interessantes como a crítica ao conceito de virtual de Pierre Levy (LEVY, 2007a) ainda excessivamente usado por muitos teóricos. Sbardelotto mostra como a distinção hoje entre *on-line* e *off-line* é muito mais delicada do que na época dos escritos de Levy, visto que hoje muitos que carregam seus celulares no bolso estão recebendo *e-mails* e *on-line* constantemente.

O livro *Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivência em Ciências da Religião* é pioneiro na área de Ciência da Religião dentro do tema religião e internet no Brasil. O livro divide-se em três partes sendo o primeiro sobre demarcações conceituais sobre o tema. A segunda explora a religião católica e sua presença na internet e na terceira outras religiões são o foco como afro-pernambucanas, neopentecostais, islamismo e movimentos nova era. Apesar do termo “sagrado” aparecer no título do livro, o seu uso aparece disperso durante os capítulos. Não dando clareza ao leitor se o mesmo está sendo abordado em sua perspectiva essencialista ou adjetiva, ou seja, como categoria atribuída socialmente. Em alguns capítulos o termo nem chega a aparecer. No prefácio, o autor ressalta a importância de discernir sobre as religiões que estão na internet entre aquelas que são:

mera religião de mercado, o que parece culto personalista desse ou daquele religioso ("eu adoro padre fulano") e enfim aquilo que é, de fato, [...] manifestações do Mistério que toma carne e visibilidade não mais apenas em uma comunhão corporal de pessoas reunidas, mas também em uma comunicação virtual pela internet (BARROS, 2014a, p. 13).

Rafael Shoji descreve como os modelos computacionais influenciaram a religião, modulando algumas práticas anteriores à emergência da internet; com a conexão em rede a utilização torna-se evidente. Analisando ramos diferentes do budismo, ele mostra como os modelos matemáticos influenciaram a organização de altares do ramo koyasan e a inter-relação dos sites ligados a Soka Gakkai no Brasil e da tradição Soto Zen. O primeiro com uma estrutura mais fechada estando ligado somente a sites da própria organização, e o segundo mais ramificado, sendo ligado a sites de editoras e países europeus (SHOJI, 2007a).

Gedeon Alencar descreve e discute a presença da igreja "Deus é Amor" na internet (ALENCAR, 2011a, p. 43-54). O autor não se foca somente no exemplo da representante pentecostal citada, mas, aponta diversos ângulos da relação religião e internet. Apoiando suas hipóteses na teoria sociológica weberiana, o autor destaca que os contrastes entre internet e instituições religiosas, autonomia *versus* hierarquia, seguem à tona do fenômeno moderno e a adaptação, no caso do pentecostalismo, ocorre paulatinamente.

Em um trabalho de fôlego, a dissertação de Carlos Eduardo Souza Aguiar com o título *A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede*, defendida na área de comunicação da Escola de Artes e Comunicação da Universidade de São Paulo, traça um bom panorama dos trabalhos de comunicação sobre mídia e religião. O autor realiza uma sólida base de construção teórica sobre a mudança dos meios de comunicação e sua interação com as religiões para, posteriormente, analisar sites de conteúdos cristãos (católicos e evangélicos), de conteúdos islâmicos e do movimento nova era presentes no Brasil. O autor também trabalha com o conceito de sagrado, mas não na perspectiva de Eliade nem de Otto, mas do sociólogo italiano Franco Ferrarotti que em nosso ponto de vista, não se distingue muito dos outros dois anteriores.

PORQUE “RELIGIÕES NA NUVEM” E NÃO “O SAGRADO NA NUVEM”

Como cientistas da religião, não estamos preocupados na validação ou não da experiência religiosa pela internet. A discussão sobre se tais vivências são válidas ou não, nos parece tarefa que cabe aos teólogos. Ao cientista da religião, cabe investigar o que está aí, o que as pessoas acessam e buscar compreender, suas motivações e consequências de frequentarem os sites disponíveis na rede.

Já o termo “sagrado”, quando aplicado aos estudos da área, parece buscar a afirmação da possibilidade da experiência religiosa na internet (AGUIAR, 2014, p. 73), fato que já está posto para o cientista da religião quando se depara com a oferta religiosa na internet. Seu trabalho segue na investigação das diferenças e semelhanças entre os rituais oferecidos *on-line* e aqueles que ocorrem *off-line* e as demais implicações da presença das religiões na internet.

De forma geral, podemos perceber que os estudos sobre religião e internet têm se concentrado quase em sua totalidade na investigação do cristianismo e a internet. O escopo teórico prevalente é de que o Sagrado, admitido pela conceituação feita por Rudolf Otto e Mircea Eliade (OTTO, 2007a; ELIADE, 2001a), é possível de ser experienciado via internet. Os autores Rafael Shoji, Aron Jungblut e Carlos Eduardo Souza Aguiar empenham estudos menos focados no cristianismo e evidenciam a presença de outras religiões na internet. Já Gedeon Alencar mostra como é possível realizar um estudo de uma igreja cristã e a internet, utilizando a sociologia weberiana como aparato analítico.

DESAFIOS DA ÁREA NO BRASIL

No Brasil, o pluralismo religioso se deu como efeito do Estado civil democrático e não por garantia deste. Anteriormente, havia uma diversidade encoberta pelo manto da cristandade. Isso porque, a construção da República ocorreu com forte influência da Igreja Católica que se valia junto ao Estado para segregar as práticas entre religiosas e mágicas, que podem também serem compreendidas como não cristãs (MONTEIRO, 2006a).

É válido ressaltar a distinção entre o pluralismo religioso e a pluralidade religiosa. O primeiro trata-se de um Estado onde está assegurado o respeito às diversas religiões e sua capacidade de expansão. Enquanto o segundo refere-se apenas a existência de diferentes religiões não considerando o modo como elas convivem (MALLIMACI apud SANCHEZ, 2010a, p. 38). Nos parece que a internet colabora com o pluralismo na medida em que amplia

e democratiza a divulgação das religiões. Se antes era necessário pagar a concessão de um canal de televisão ou rádio, hoje, pode-se criar um site e divulgar sua crença religiosa.

Chama também a atenção no contexto brasileiro a diversidade religiosa que convoca pesquisadores a enfrentarem a alteridade do seu campo de estudo (SANCHEZ, 2010a, p. 105). No caso da internet somada ao panorama cultural brasileiro configura um campo onde ainda estão se construindo metodologias para o estudo da interação entre religião e internet. Pesquisas partem da análise estética de sites a entrevistas de membros que acessam com frequência seus conteúdos. Poderíamos levantar questões como uma metodologia empenhada para avaliar sites que oferecem velas virtuais aplica-se também às demais religiões?

Comungando a perspectiva de alguns autores de quanto maior a oferta religiosa, maior a participação daqueles que aderem a uma delas (STARK; IANNACONE apud MARIANO, 2002a), temos a hipótese de que a variedade de opções pela internet possibilita a interação com diversas religiões, fomentando assim a participação religiosa. O contato com o vasto mercado religioso na internet pode ser por meio de informações sobre uma religião expostas em um site ou a oferta de vivências religiosa *on-line*.

A relação entre essa autonomia individual e as instituições religiosas é bem sintetizada por Gedeon Alencar em seu artigo:

Religião e internet poderiam – e deveriam – andar juntas? Sim e não. Internet é suprasumo do que existe da mais plena autonomia. Funciona a partir da mais ampla e total possibilidade de decisão pessoal e autônoma, independente do horário e do local. Materializa-se de forma anárquica sem limites, sem poderes e dirigentes oficiais. Visceralmente contrário ao que diz de religião enquanto modelo de conduta sagrada e obediente a uma instituição ou ser divino. Portanto, teoricamente, são incompatíveis. São, mas nem tanto (ALENCAR, 2011a, p. 47).

Portanto, se por um lado, a internet viabiliza os fenômenos do trânsito religioso e do sincretismo, facilitando-os, dispensando a distância física que poderia existir entre uma igreja e um terreiro de umbanda e bastando um clique para que ambas as denominações possam conviver harmoniosamente na mesma tela. Por outro, as instituições parecem preconizar certa exclusividade. Nesse jogo de ambiguidades, engendram-se novos modos de praticar a religiosidade na modernidade.

Se antes o sujeito se expunha ao frequentar duas religiões diferentes, agora, ele pode fazê-lo diante de uma tela fechado em uma sala. Contornando situações de condenação por parte de membros das denominações religiosas. O diálogo entre as crenças não depende mais do crivo institucional que antes legislava sobre o que era religião e o que era doença, como

assim fez o catolicismo com as religiões afro-brasileiras no início do século XX no Brasil (SOARES, 2002a).

Nota-se que também o trânsito religioso em seu panorama brasileiro pode sofrer alterações com a presença crescente das religiões na internet. Compreendendo este conceito não só como a circulação de pessoas nas diversas instituições religiosas, mas também como: “a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas” (ALMEIDA; MONTEIRO, 2001a, p. 93). A presença das religiões na internet convoca-as ao processo de metamorfose de crenças e práticas em que o sujeito pode pertencer a uma religião sem frequentar um espaço físico, mas, apenas acessando um site.

Diante disso, entendemos o desafio que é estudar religiões e internet no Brasil. Em meio a essa diversidade, nos propomos o trabalho de encontrar nas práticas religiosas, via internet, conceitos que nos auxiliem na tarefa de compreender como os sujeitos e religiões estão vivenciando essa tendência contemporânea. Em meio a sites, blogs e *timelines*, as práticas religiosas renovam-se a cada clique dado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, G. *Pentecostalismo hi-tech: uma janela aberta, algumas portas fechadas*. In: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdade EST, n. 26: 43-54, 2011.

AGUIAR, C. E. S.. *A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede*. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, ECA, 2010.

AGUIAR, C. E. S. *Da ciber-religião para a ciber-religiosidade*. In: AVELLAR, V; SILVEIRA, E. (Org.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. *Trânsito religioso no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, vol.15, n.3: 92-101, 2001. In: http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/MONTEIRO_ALMEIDA_Transit%20Religioso%20no%20Brasil.pdf. Acesso em dezembro de 2015.

BARROS, M. Prefácio. In: AVELLAR, V; SILVEIRA, E. (Org.). *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BENTO XVI. *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*. Mensagem para a celebração do 43º dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009. In: <https://w2.vatican.va/content/benedict->

xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day.html. Acesso em dezembro de 2015.

DAWNSON, L. L. Chapter 2: The mediation of religious experience in cyberspace. In: HØJSGAARD, M. and WARBURG, M. *Religion and Cyberspace*. London: Routledge, 2005.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAUSTO NETO, A. *A religião do contato: estratégias discursivas dos novos "templos midiáticos"*. Revista Comun. Inf., v. 7, n. 1: 13-33, jan./jun. 2004.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HØJSGAARD, M. and WARBURG, M. *Religion and Cyberspace*. London: Routledge, 2005.

HOOVER, S. and ECHCHAIBI, N. *The "third space" of digital religions*. The Center for Media, Religion, and Culture: University of Colorado Boulder, 2012.

JUNGBLUT, A. L. *O uso religioso da Internet no Brasil*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1: 202-212, 2010.

LEVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1997.

MARIANO, R. *Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso*. Terceiro Congresso Virtual de Antropologia e Arqueologia, 2002. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm. Acesso em dezembro de 2015.

MONTERO, Paula. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 74: 47-65, Mar 2006. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em dezembro de 2015.

OTTO, R. *O Sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIEFF, P. *O triunfo da terapêutica*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1990.

SANCHEZ, W. L. *Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SBARDELOTTO, M. *E o verbo se fez bit: experiência religiosa na era digital*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

SHOJI, R. *Estudos formais e modelos computacionais da religião* In: USARSKI, F. (Org.) *O espectro disciplinar das Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas, 2007.

SILVA, J. C. L. *"Eu e meu mouse serviremos ao senhor": um olhar antropológico sobre a blogosfera evangélica* / Juliana Cintia Lima e Silva. – Recife. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013. In:

<http://www.comoviveremos.com/wp-content/uploads/2013/11/Disserta%C3%A7%C3%A3o-2.pdf> . Acesso em dezembro de 2015.

SOARES, A. M. L. *Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio*. São Paulo: Revista de Estudos da Religião – REVER, 2002. In: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/t_soares.htm. Acesso em dezembro de 2015.

SPADARO, A. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.